

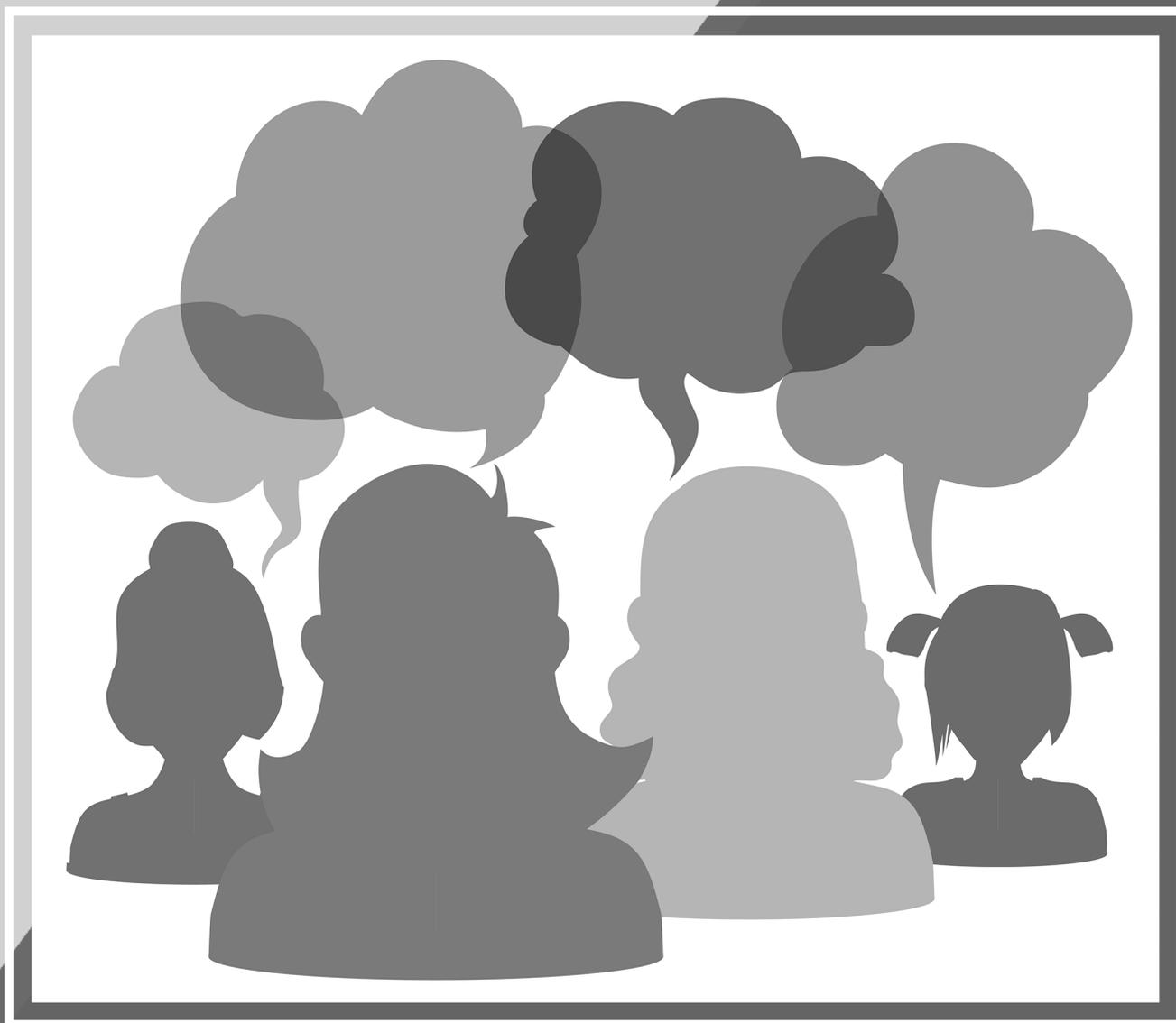
História: Espaço Fecundo para Diálogos 3



Antonio Gasparetto Júnior
Ana Paula Dutra Bôscarro
(Organizadores)

História:

Espaço Fecundo para Diálogos 3



Antonio Gasparetto Júnior
Ana Paula Dutra Bôscarro
(Organizadores)

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Geraldo Alves

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano

Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná

Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Msc. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Msc. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Msc. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Msc. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Msc. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof^a Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Msc. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Prof^a Msc. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Prof^a Dr^a Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Msc. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Msc. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Msc. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Prof^a Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof^a Msc. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

H673 História [recurso eletrônico] : espaço fecundo para diálogos 3 /
Organizadores Antonio Gasparetto Júnior, Ana Paula Dutra
Bôscaro. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-81740-02-3

DOI 10.22533/at.ed.023201102

1. História – Filosofia. 2. História - Historiografia. 3. Historiadores.
I. Gasparetto Júnior, Antonio. II. Bôscaro, Ana Paula Dutra.

CDD 907.2

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O livro *História: espaço fecundo para diálogos* oportuniza a discussão científica ao entorno da história do Brasil por intermédio de trabalhos diversos que compõem seus capítulos. Fruto de pesquisas recentes, seu principal objetivo consiste em divulgar novas perspectivas acerca de diferentes momentos históricos que marcaram a formação e o desenvolvimento da história do nosso país.

O período cronológico coberto no livro abrange praticamente toda a história do Brasil, desde o período colonial até finais do século XX. Os autores aqui reunidos apresentam trajetórias acadêmicas e perspectivas analíticas distintas, configurando, como o próprio título da obra sugere, um espaço fecundo para diálogos. Seus textos, entretanto, têm em comum a característica de serem resultados de pesquisas históricas originais, pautados em fontes documentais inéditas e/ou pouco exploradas.

Temas diversos e interessantes são, deste modo, discutidos em seus mais variados aspectos, políticos, econômicos, sociais e culturais. Os fatos históricos explorados, a despeito das diferenças temporais que os cercam, dialogam e se completam. Daí a importância de um livro composto por obras que versam sobre diferentes contextos, cujos construtores dos períodos abordados foram também dispare: grupos indígenas, comerciantes, mulheres, políticos, militares, etc.

Na primeira parte da obra estão reunidas análises históricas que dissertam sobre o período colonial e imperial brasileiros. Na segunda parte, trabalhos que abordam da Primeira República a acontecimentos iniciais que marcaram o século XX. Na terceira e última parte do livro reunimos diferentes análises históricas referentes aos noventa, trabalhos que aludem desde o período ditatorial aos novos métodos da História Oral.

Em síntese, a obra apresenta o estudo da sociedade brasileira através de múltiplas perspectivas, o que nos leva a constatar que a História se faz, cada vez mais, através de um exercício democrático e de cidadania, constituindo-se como palco profícuo para novos debates e aprendizado. A todos, o desejo de uma excelente leitura!

Ana Paula Dutra Bôscaro
Antonio Gasparetto Júnior

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
FORMAÇÃO E CONSOLIDAÇÃO DO ESCRAVISMO INDÍGENA PAULISTA NA DEFINIÇÃO DO SISTEMA DA ADMINISTRAÇÃO. (SÉCULO XVII)	
Antonio Martins Ramos	
DOI 10.22533/at.ed.0232011021	
CAPÍTULO 2	14
PIRATAS E CORSÁRIOS NO BRASIL: O CASO DE 14 DE FEVEREIRO DE 1630	
Valéria Silva Melo de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.0232011022	
CAPÍTULO 3	31
CACAU, CRAVO E AS “DROGAS DO SERTÃO”: O GOVERNADOR FRANCISCO XAVIER DE MENDONÇA FURTADO E A CRIAÇÃO DA COMPANHIA GERAL DO GRÃO-PARÁ E MARANHÃO	
Frederik Luiz de Andrade de Matos Osimar da Silva Barros	
DOI 10.22533/at.ed.0232011023	
CAPÍTULO 4	46
ESCRITAS DE SI: A ARTE DA EXISTÊNCIA GRAFADA EM AUTOBIOGRAFIAS, DIÁRIOS PESSOAIS E RELATOS DE VIAGENS FEMININOS	
Maria Ester de Siqueira Rosin Sartori	
DOI 10.22533/at.ed.0232011024	
CAPÍTULO 5	60
CONSELHO GERAL DE PROVÍNCIA: PERCALÇOS E TENSÕES NA INSTALAÇÃO DE NOVAS INSTITUIÇÕES POLÍTICAS NA PROVÍNCIA DA BAHIA (1828-1830)	
Nora de Cassia Gomes de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.0232011025	
CAPÍTULO 6	71
“SUCCINTAS OBSERVAÇÕES SOBRE O ESTADO DESTA PARTE DO VASTO IMPÉRIO DO BRASIL”: A PROVÍNCIA DO AMAZONAS SEGUNDO TENREIRO ARANHA, 1852	
Paulo de Oliveira Nascimento	
DOI 10.22533/at.ed.0232011026	
CAPÍTULO 7	84
A GUERRA DO PARAGUAI NO PIAUÍ: A BATALHA PELAS VONTADES ENTRE POLÍTICOS E JORNAIS	
Elton Larry Valerio	
DOI 10.22533/at.ed.0232011027	

CAPÍTULO 8	99
A SOCIEDADE AGRÍCOLA PARAENSE E OS OFÍCIOS DE CONSELHEIRA PROVINCIAL E PROPAGADORA DA CIÊNCIA AGRONÔMICA NO SÉCULO XIX	
Francivaldo Alves Nunes	
DOI 10.22533/at.ed.0232011028	
CAPÍTULO 9	114
ENGENHARIA E POLÍTICA: OS DEBATES FERROVIÁRIOS NO CLUBE DE ENGENHARIA E A ORGANIZAÇÃO ECONÔMICA E SOCIAL DO RIO DE JANEIRO (1880 - 1900)	
Fernanda Barbosa dos Reis Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.0232011029	
CAPÍTULO 10	127
A MÚSICA NOS NAVIOS E QUARTÉIS DA ARMADA BRASILEIRA ENTRE AS DÉCADAS DE 1850 E 1900	
Anderson de Rieti Santa Clara dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.02320110210	
CAPÍTULO 11	138
JORNAL CORREIO DE SÃO FÉLIX: ENTRE FATOS E NARRATIVAS DE UMA CIDADE	
José Alberto Nascimento de Jesus	
DOI 10.22533/at.ed.02320110211	
CAPÍTULO 12	148
“PEQUENOS EXÉRCITOS ESTADUAIS” NA PRIMEIRA REPÚBLICA: O CASO DA FORÇA PÚBLICA DE PERNAMBUCO NA HISTORIOGRAFIA	
Sandoval José dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.02320110212	
CAPÍTULO 13	161
CUIDANDO DO “FUTURO DO BRASIL”: O ATENDIMENTO MATERNO-INFANTIL NOS ESTABELECIMENTOS DE SAÚDE PÚBLICA NO PIAUÍ (1889-1929)	
Joseanne Zingleara Soares Marinho	
DOI 10.22533/at.ed.02320110213	
CAPÍTULO 14	174
O ESTADO DE EXCEÇÃO COMO REGRA NO GOVERNO DE ARTHUR BERNARDES (1922-1926)	
Antonio Gasparetto Júnior	
DOI 10.22533/at.ed.02320110214	
CAPÍTULO 15	185
A TRAJETÓRIA POLÍTICA DE JOSÉ FRAGELLI (1947-1987)	
Vinicius de Carvalho Araújo	
DOI 10.22533/at.ed.02320110215	

CAPÍTULO 16	195
OS CRONISTAS E SUA MUSA: RESSIGNIFICAÇÕES DO RIO DE JANEIRO DIANTE DA MUDANÇA DA CAPITAL	
Larissa Leal Neves	
DOI 10.22533/at.ed.02320110216	
CAPÍTULO 17	210
A JUVENTUDE OPERÁRIA CATÓLICA E OS GRUPOS REVOLUCIONÁRIOS EM VOLTA REDONDA (1962 -1971)	
Márcio Goulart Coutinho	
DOI 10.22533/at.ed.02320110217	
CAPÍTULO 18	224
A MAÇONARIA E A DITADURA CIVIL-MILITAR ENTRE O NACIONAL E O LOCAL: MEMÓRIAS MAÇÔNICAS EM TEMPOS DE CHUMBO	
Helton Anderson Xavier de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.02320110218	
CAPÍTULO 19	238
REGADIO NOS TEMPOS DE DITADURA: RELAÇÕES ENTRE ESTADO, CAPITAL NACIONAL E INTERNACIONAL (1964-1971)	
Mário Martins Viana Júnior	
Alfredo Ricardo da Silva Lopes	
DOI 10.22533/at.ed.02320110219	
CAPÍTULO 20	252
ON DIRAIT JEQUIÉ: ESTRATÉGIAS NACIONAIS E REGIONAIS EM PAULO EMÍLIO SALLES GOMES	
Victor Santos Vigneron de La Jousselandière	
DOI 10.22533/at.ed.02320110220	
CAPÍTULO 21	267
MULHERES E DITADURA: A TRAJETÓRIA DE ISABEL TAVARES DA CUNHA E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A DEMOCRACIA, FEMINISMO E OS DIREITOS HUMANOS NO PARÁ	
Rosinda da Silva Miranda	
DOI 10.22533/at.ed.02320110221	
CAPÍTULO 22	281
XIFÓPAGAS - CORPO DE MULHER, CABEÇAS DE DITADURAS: GÊNERO E EROTISMO NOS CINEMAS BRASILEIRO E ARGENTINO (ANOS 70)	
Katharine Nataly Trajano Santos	
DOI 10.22533/at.ed.02320110222	
CAPÍTULO 23	295
MOVIMENTO “TERRAS DE NINGUÉM”: CONFLITOS E A LUTA PELA POSSE DE TERRA URBANA - CASA AMARELA, RECIFE – PE	
Sebastião Alves da Rocha	
DOI 10.22533/at.ed.02320110223	

CAPÍTULO 24	308
A MEMÓRIA SOCIAL DOS MORADORES DE SANTO ANTÔNIO DE PÁDUA-RJ E SUAS ÁGUAS MEDICINAIS	
<i>Mariana Arruda Muniz</i>	
DOI 10.22533/at.ed.02320110224	
SOBRE OS ORGANIZADORES.....	325
ÍNDICE REMISSIVO	326

A MEMÓRIA SOCIAL DOS MORADORES DE SANTO ANTÔNIO DE PÁDUA-RJ E SUAS ÁGUAS MEDICINAIS

Data de aceite: 28/01/2020

Mariana Arruda Muniz

IFF – Instituto Federal Fluminense Campus Santo Antônio de Pádua/RJ. Advogada, especialista em Cultura, Patrimônio e Educação: Diálogos no Território.

RESUMO: O intuito deste artigo é demonstrar a contribuição do método da história oral, através da memória social de alguns moradores paduanos, sobre as águas que são consideradas medicinais na cidade de Santo Antônio de Pádua-RJ. A primeira parte da pesquisa trata da técnica da história oral como fonte de registro e de elemento da memória, sendo a memória individual e coletiva uma constituinte do desenvolvimento e da construção de uma pessoa ou de um grupo no processo da formação de suas identidades/subjetividades, descrevendo sobre o patrimônio imaterial e sua relação com a memória e a história e, posteriormente, o fundamento legislativo para o seu registro. Na segunda parte, são descritas quais são essas águas, sua descoberta, sua localização e a sua importância regional, nacional e mundial, depois da sua propagação como águas consideradas medicamentosas até a real situação destas. Na terceira parte, foram realizadas entrevistas com moradores locais resultando em suas memórias do passado e presente que não se distanciam,

mas se complementam, afinal a imbricação entre elas constitui o pano de fundo do registro desse patrimônio cultural imaterial.

1 | INTRODUÇÃO

Nesse artigo, será tratada a memória social dos moradores de Santo Antônio de Pádua sobre as suas águas medicinais pertencentes ao local, juntamente com registros de livros de autores paduanos, periódicos e documentos encontrados na Biblioteca Nacional Digital.

O município de Santo Antônio de Pádua-RJ está localizado, no Noroeste Fluminense, a aproximadamente a 280 km (quilômetros) de distância da capital, Rio de Janeiro e possui quatro fontes de águas minerais, que no passado eram muito procuradas para terapia de problemas renais, cardiovasculares e tratamento de pele, além de terapia de rejuvenescimento, as quais são denominadas: Água Iodetada, Água Farol, Água Pagé e Água Solú.

Através de registros, como periódicos e livros verificou-se que essas águas foram de suma importância para a divulgação do município, desde a descoberta das fontes até serem reconhecidas internacionalmente por

sua composição rara e de qualidades terapêuticas incontestáveis. Dessa forma, a história das águas medicinais está estreitamente ligada à da cidade de Santo Antônio de Pádua, sendo instância hidromineral por muitos anos.

Assim, por meio da memória social, encontrada na história oral de alguns cidadãos paduanos, pretende-se realizar um registro histórico-social que corrobore com a documentação já existente sobre essas águas medicinais.

2 | A HISTÓRIA ORAL COMO MÉTODO DE PESQUISA NA PRODUÇÃO DE FONTES HISTÓRICAS

O uso da história oral oportuniza o acesso a “histórias dentro da História” (ALBERTI, 2005:155), visto que as narrativas coletadas serão sempre visões ou versões subjetivas da realidade. Justamente por isso, o uso da história oral proporciona ao pesquisador a viabilidade de ampliar os horizontes de sua pesquisa, ou seja, de interpretar, explicar e compreender de forma mais ampla e aprofundada seu objeto de estudo e sua aplicação. É um importante instrumento nas ciências humanas e sociais.

(POLLAK, 1992: 08), ao tratar sobre essa fonte que o historiador utiliza, menciona que toda a construção feita do passado, incluindo uma concepção mais positivista, é sempre carregada de intermediação de documentos, por isso:

[...] é óbvio que a coleta de representações por meio da história oral, que é também história de vida, tornou-se claramente um instrumento privilegiado para abrir novos campos de pesquisa. Por exemplo, hoje podemos abordar o problema da memória de modo muito diferente de como se fazia dez anos atrás. Temos novos instrumentos metodológicos, mas sobretudo, temos novos campos.

Segundo (HALBWACHS, 2013: 30), por mais que se tenha a percepção de ter vivenciado eventos e contemplado objetos que somente você (ou um grupo) viu, ainda assim as lembranças permanecem coletivas e podem ser evocadas por outros. Isso porque, como afirma o autor, jamais estamos sós, mesmo quando os outros não estejam fisicamente presentes, pois os carregamos em pensamento.

Assim, “Para confirmar ou recordar uma lembrança, não são necessários testemunhos no sentido literal da palavra, ou seja, indivíduos presentes sob uma forma material e sensível” (HALBWACHS, 2013: 31).

É possível considerar que os elementos que constituem uma memória, seja ela individual ou coletiva, são os acontecimentos vividos pessoalmente e vividos “por tabela”, expressão essa dada por (POLLAK, 1992: 02), que se refere a acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade, que a pessoa se sente a pertencer.

Dessa forma, nas entrevistas realizadas com os moradores paduanos, foram buscados em suas memórias remotas e presentes, os acontecimentos relacionados

às águas, que eram e são consideradas medicinais na cidade de Pádua, que são constituídos por pessoas, personagens e locais que fizeram parte diretamente de suas vidas.

2.1 O Patrimônio Cultural Imaterial

A palavra “patrimônio” está entre as que se usa com mais constância no dia a dia das pessoas em geral. Costuma-se falar sobre os patrimônios econômicos, os patrimônios imobiliários, utilizando também noções de patrimônios culturais, arquitetônicos, históricos, artísticos, etnográficos, ecológicos, genéticos e, atualmente, no que se chama de patrimônios intangíveis.

Os objetos que compõem um patrimônio precisam encontrar “ressonância” junto a seu público. O historiador (GREENBLATT, 1991: 42-56) faz uso dessa noção de ressonância:

Por ressonância eu quero me referir ao poder de um objeto exposto atingir um universo mais amplo, para além de suas fronteiras formais, o poder de evocar no expectador as forças culturais complexas e dinâmicas das quais ele emergiu e das quais ele é, para o expectador, o representante.

A ambivalência está presente na classe patrimônio, característica definidora da sua própria essência, uma vez que liminarmente situa-se entre o passado e o presente, entre a cultura e os indivíduos, entre a história e a memória. Nesse aspecto, algumas modalidades de patrimônio podem servir como formas de comunicação criativa entre essas dimensões, comunicação realizada existencialmente no corpo e na alma dos seus proprietários.

Os vários significados das representações sobre a categoria “patrimônio” variam possivelmente entre um patrimônio entendido como parte e extensão da experiência, e, portanto, do corpo, e um patrimônio entendido de modo objetificado, como coisa separada do corpo, como objetos a serem identificados, classificados, preservados.

Por um lado, um patrimônio inseparável do corpo e suas técnicas – o corpo, que é, em si, um instrumento e um mediador social e simbólico entre o self e o mundo (MAUSS, 2003: 136-137); e, por outro lado, um patrimônio individualizado e autonomizado, com a função de assumir o papel de “representação” ou de “expressão” emblemática de categorias, que são transformadas em alguma forma de entidade, seja a nação, o grupo étnico, a região, a natureza, entre outras.

Por fim, o artigo procura trazer à tona o papel de representação que as águas medicinais existentes em Pádua possuem na memória dos moradores locais, através de suas experiências (subjetividades), registrando a importância que esse patrimônio imaterial possui não só para o grupo entrevistado, mas para todos os moradores locais da cidade de Pádua.

2.2 O Registro do Patrimônio Cultural Imaterial

O fundamento jurídico do registro do patrimônio cultural imaterial, nos artigos 215 e 216 da Constituição Federal de 1988, e sua formulação tiveram como base a longa e rica experiência acumulada não apenas pelas instituições como o Instituto do Patrimônio Artístico e Histórico Nacional (IPHAN), que zela pelo patrimônio cultural brasileiro, mas também pelo trabalho de instituições nacionais, estaduais e municipais, públicas e privadas, de indivíduos e grupos que se dedicaram a estudos, pesquisas, coleta, documentação e também apoio às mais variadas manifestações de nossa cultura.

O registro do patrimônio imaterial se distingue do tombamento na medida em que não se propõe a “conservar” os bens registrados ou a assegurar a sua “autenticidade”, nem a atribuir ao poder público a obrigação de fiscalizar e de zelar pela sua integridade física., que recaem sobre o Ministério da Cultura, cabendo a este, além da concessão do título de Patrimônio Cultural do Brasil e inscrição no livro de registro correspondente (art. 5º), “assegurar ao bem registrado” documentação pelos meios adequados e “ampla divulgação e promoção” (art. 6º).

Todavia, as águas medicinais de Santo Antônio de Pádua não possuem qualquer registro a fim de preservar alguma documentação sobre sua importância regional, nacional e internacional. Ademais não há qualquer perspectiva da preservação em âmbito de legislação estadual ou federal. Não são, portanto, protegidas pelo Instituto do Patrimônio Artístico e Histórico Nacional (IPHAN) e nem pelo Instituto Estadual do Patrimônio Cultural (INEPAC).

3 | AS ÁGUAS MEDICINAIS DE SANTO ANTÔNIO DE PÁDUA-RJ

O município já foi considerado oficialmente estância hidromineral pela importância das fontes de águas minerais e medicinais raras encontradas no seu rico subsolo. No informe do Centro de Informações de Dados do Projeto Muda Pádua (SANTO ANTÔNIO DE PÁDUA-RJ, 1990: 93), são mencionadas as quatro jazidas mais importantes:

FONTES DE ÁGUAS MINERAIS

IODETADA – Única da América do Sul, recomendada no tratamento cardiovascular.

FAROL – Magnesiana: indicada para o aparelho digestivo.

SOLÚ E PAGÉ – magnesiana e litinada, respectivamente. Em processo de reorganização.

Graças ao sucesso das suas águas minerais, os inúmeros hotéis da época, quase todos estabelecidos à margem direita do Rio Pomba, estavam sempre com sua lotação completa. Esta concentração de hotéis tinha uma razão lógica, já que

naquele lado estavam localizadas as procuradas fontes e a estação ferroviária, único meio de transporte existente e que ligava a cidade aos grandes centros.

Cabe destacar aqui o trecho citado pelo historiador paduano (HEITOR DE BUSTAMANTE, 1975: 425), em seu livro “Sertões dos Puris”:

À parte duas jazidas do grafite, já experimentadas sem resultado, não consta nenhum vestígio de outros minerais que possam interessar pelo seu valor comercial. Há, porém, que destacar neste particular as quatro fontes de águas que tanto têm preocupado a atenção dos pesquisadores medicinais. Delas, a principal, em opiniões consagradas, é a iodetada, tida como a única fonte na América do Sul, geralmente recomendada para enfermidades do coração.

A “Farol “e a “Pajé”, também recomendadas e com grande aceitação. Estas três fontes estão localizadas na cidade. Agora, entrou em cena, a chamada Solu, no distrito de Ibitiguaçu, [...]. Esse nome Solu, vem do primitivo proprietário do sítio onde ela nasce, que se chamava Luís Côrtes, conhecido vulgarmente “Seu Lu”. Dêste apelido gerou-se o nome atual.

Excetuando a Água Solú, essas fontes estão localizadas no centro da cidade de Pádua, que passou por forte expansão imobiliária, tornando impossível cumprir as exigências do Código Nacional das Águas. Houve outras dificuldades como: falta de incentivos, investimentos, alto custo do engarrafamento à época e grandes exigências legislativas. Esses foram fatores que levaram ao abandono da exploração e comercialização das águas consideradas medicinais.

O município, que já ostentou o status de estância hidromineral, deixou de ser “a cidade das águas” e ganhou o epíteto de “Cidade das Pedras”, por ter passado a explorar em larga escala as rochas ornamentais, fazendo com que a importância desse patrimônio cultural imaterial fosse se perdendo ao longo dos anos.

3.1 A Descoberta do Patrimônio Cultural Natural Imaterial

3.1.1 A Água Iodetada de Pádua



Fonte da Água lodetada, 1935. Fonte: (PICCININI, 2005: 376)

De acordo com (CORDEIRO, 1986: 18), a água lodetada foi descoberta em 1930, pelo professor José Lavaquial Biosca, que, após o seu pai ter sido desenganado pelos médicos, portador da osteomielite, resolveu trazê-lo para cidade para morrer ao seu lado. Assim, Lavaquial relatou:

Perto da minha casa tinha sido descoberto um poço de água que era por mim utilizada, após fervida, para limpar duas feridas no corpo do meu pai. Notei que, com seis meses, uma das feridas fechou. Achei que era o efeito do remédio e não me importei, mas continuei a usar a mesma água e, alguns meses depois, meu pai estava bem melhor. Foi então que resolvemos promover uma análise na água e veio a comprovação da presença de iodo.

O terreno onde se encontra a fonte da água lodetada pertence à família Lavaquial, que, após a descoberta, autorizou a exploração da água pela empresa Atlantida. Sua comercialização iniciou-se no ano de 1930, através da Exploração Industrial das Águas de Santo Antônio de Pádua-RJ.

O (JORNAL DOS SPORTS, 1931: 06) anunciou à época a descoberta da água lodetada no Brasil pela Atlantida:

A descoberta da fonte de água IODETADA ATLANTIDA em Pádua, E. do Rio, representa uma das maiores conquistas da terapeutica brasileira. É sabido que as fontes de água IODETADA, são raras no mundo, sendo conhecidas apenas nove e

todas na Europa; na América a não ser no Chile, havia essa grande lacuna; agora felizmente sanada com o aparecimento da fonte ATLANTIDA, com a vantagem, de ser considerada uma das melhores, quiçá a Melhor do mundo.

Nesse passo, Pádua passou a ser considerada, pelo Decreto lei n° 4458/65, como Cidade Estância Hidromineral, gozando a partir deste momento do privilégio de ter esse diploma legal e, na particularidade, sendo a cidade considerada de área de segurança nacional, o prefeito municipal era nomeado.

Considerada como uma água mineral famosa por possuir propriedades para tratar doenças renais, cardiovasculares, de pele, além de terapia de rejuvenescimento, localizada num bosque frutífero, nas mediações do Parque do Hotel das Águas, localizado na Rua Luís da Silva Magacho, n° 170, em Santo Antônio de Pádua - RJ, sendo a única água iodetada da América do Sul.



Fonte da Água Iodetada, 2019. Fonte: Própria.

3.1.2 A Água Farol ou “Pharol”

Com relação à água Farol ou “Pharol”, pertencia ao saudoso capitão José Homem da Costa. Era captada na fazenda também denominada Farol, rica em sulfatos, magnésio, cálcio e hidrocarbonetos.

O jornal (O CAMPO, 1930: 30) relatou o recebimento de uma excelente caixa de

água mineral “Pharol”, de propriedade do Senhor José Homem da Costa.

“Trata-se duma das nossas melhores aguas mineraes, já pela dosagem dos saes que contem, em proporção excelente que se diria manipulada pelo genio pharmaceutico da Natureza, já pelo sabor agradável. Gratos pelo optimo presente”.



Fachada da antiga Água Farol, 1990. Fonte: (S. ANTÔNIO DE PÁDUA, 1990).



Fachada da antiga Água Farol, 2019. Fonte: Própria.

Nos anos seguintes, saíram também notícias sobre a água Farol, que retratavam as mesmas qualidades e benefícios. O jornal (O FLUMINENSE, 1937: 01) noticiou:

Entre outras riquezas que o município possui – contam-se as suas águas minerais. Na sede existem duas fontes de qualidade superior, dentre essas uma é única espécie na América do Sul. Ambas têm análise dos laboratórios do Governo Federal. A primeira delas é denominada água “Pharol”, sendo de base magnésiana. Água “lodetada” é a segunda muito recomendada para as doenças do coração.

3.1.3 A Água Litinada Pagé

O único dado concreto obtido em relação à água Pagé veio através de uma reportagem do jornal (O FLUMINENSE, 1975: 01), que continha o título “Fonte da Juventude”. A matéria menciona que uma das águas de Pádua contém lítio, metal que se acredita capaz de auxiliar na revitalização do plasma das células.

O prefeito municipal à época, Sr. Fernando Perlingeiro Lavaquial, conseguiu um certificado oficial da Água Litinada Pagé, procedida da Alemanha Ocidental, e acrescentou que, naquele país, não havia fonte de água com essa propriedade, mencionando ainda que, enquanto eles precisam adicionar o metal na água, a fonte paduana tinha naturalmente o lítio.

A localização da fonte é uma rua, na lateral do supermercado conhecido

como “Domingão”, na cidade de Pádua. Atualmente, não existe mais, por causa do loteamento realizado e, principalmente, por duas construções sobre a mesma, conforme se vê na figura abaixo:



Construções residenciais sobre a Fonte da Água Pagé, 2019. Fonte: Própria.

3.1.4 A Água Solú

Na sequência e de grande importância, foi a descoberta da Água Solú, no distrito de Ibitiguaçu. Numa área de três alqueires e distante do centro do distrito cerca de seis quilômetros, sendo considerada uma fonte rara, carbogásosa: duas gasosas e uma ferruginosa.



Nascente da antiga Água Solú ferruginosa, 2019. Fonte: Própria

O autor (RIBEIRO, 1999: 289) relata a importância da água Solú:

No passado, há cerca de 50 anos, este precioso líquido foi muito difundido na região em virtude da descoberta pelo povo de suas ótimas qualidades minerais, com propriedades alcalinas, sendo uma água mineral de excelente propriedade mineral, principalmente referente aos rins. Assim desordenadamente o povo comparecia para tomar o líquido medicinal, bem como trazer para suas residências com a finalidade de seu uso diário. Com o decorrer do tempo essa água ficou conhecida como benfeitoria da região da velha província fluminense.

Um grupo do município vizinho, Itaocara-RJ, comandado pelo senhor Alaôr Eduardo Scisínio, conforme o autor, iniciou a exploração do líquido medicinal comercialmente, com sua industrialização e distribuição para o comércio local e para todo o Estado do Rio de Janeiro. Em 1958, o grupo que adquiriu o direito de exploração do “seu Solú” transferiu o direito de uso para um grupo de portugueses, que a exploraram comercialmente em alta escala.

Muitos anos depois, a Prefeitura Municipal desapropriou a área com a intenção de exploração e comercialização, caso algum grupo quisesse investir. Em 2003 construiu uma cabana e disponibilizou o acesso até a fonte para o consumo de água, sendo que a fonte, com sabor mais acentuado, não existe mais, somente a com o sabor mais ameno. Em agosto de 2011, houve uma revitalização do local

pelo governo municipal, com recursos federais, considerado como área de proteção ambiental. Foi reformado o fontanário, construídos dois quiosques, banheiros e restaurante, sendo denominado Parque da Água Solú.

Essa iniciativa resultou no primeiro passo do Projeto Caminho das Águas, que a prefeitura desenvolveu em parceria com a Universidade Federal Fluminense (UFF) e o Departamento de Recursos Naturais (DRM).



Água Solú sendo utilizada. Dos 3 tipos de água, apenas uma jorra na torneira. Foto sacada em 2019. Fonte: Própria.

4 | A HISTÓRIA DAS ÁGUAS CONTADA PELOS MORADORES DE SANTO ANTÔNIO DE PÁDUA/RJ

4.1 A Água Iodetada Por Fernando Perlingeiro Lavaquial

A entrevista foi realizada na cidade de Santo Antônio de Pádua, com o senhor Fernando Perlingeiro Lavaquial, na sede do centenário Colégio de Pádua, de sua propriedade. Proprietário direto da água Iodetada de Pádua, senhor Fernando ou Doutor Fernando, como o chamam, é de família tradicional paduana e conhece como ninguém a história da cidade, no caso específico sobre a Água Iodetada.

O entrevistado segue o relato sobre onde era a casa do seu avô Ramon e a história inicial da utilização da água iodetada. (Relato Oral ¹)

1 Entrevista com Fernando Perlingeiro Lavaquial, no dia 31-jan-2019.

Meu avô veio e tinha um campo de futebol onde é o Mercado Noroeste Fluminense, aquilo era a entrada do campo de futebol do Paduano Esporte Clube e do Colégio de Pádua, então ali tinha uma casa pequenina, onde morou o Ramon Lavaquial e ele com aquele pós operatório [...] com o que me falavam [...] com aquelas feridas nas costelas que ele tinha, ele pegava essa água do poço, já tinha um poço ali, e tem até hoje, bebia dessa água, porque ela era limpinha e fazia a higiene das feridas dele...Qual foi a surpresa? Ele não morreu...risos...ficou algum tempo aí, e em 1935, eu nasci, em 1938 ele ainda estava ai, porque aqui no Colégio de Pádua no farol, tinha uma jabuticabeira e ele botava uma gangorra pros netos brincarem e uma das gangorras ele falava assim: “essa aqui é do Fernando” eu era o caçula da família né e me lembro disso perfeitamente, eu devia ter uns 03 ou 04 anos de idade [...]

Nesse contexto, conforme relatado, seu avô não morreu e seu tio, irmão da sua mãe, o senhor Aníbal Perlingeiro, era considerado o cara que tinha “cabeça”, pois era inteligente e foi quem “pegou” a água e começou a pesquisar o que tinha. No entanto, ele não possuía recursos na cidade de Pádua e levou essa água para o laboratório de Bromatologia da cidade de Leopoldina-MG. Ao ser examinada, foi confirmada a presença de iodo em sua composição. (Relato Oral ²)

Então a data de descoberta é em torno de 1930. Por que eu sei? Porque em volta do poço hoje tem uma casinha meio arredondada que protege o poço, o mesmo poço que ele pegava água. É a mesma casinha até hoje, tá meio capenga lá tem muito tempo que não mexe nela, mas de qualquer forma tá lá escrito, tem uma data 1930, veja bem, não é nem ai a descoberta, foi um pouco antes, foi porque em 1930 ela começou a ser engarrafada e tempos depois, em 1930 [...] perdão [...] o engarrafamento era ali mesmo, a água saía do poço entrava numas máquinas muito simples, engarrafava e rotulava com o nome de Atlântida, essa água ficou famosa e tal [...]

Por fim, sobre a água Iodetada, Fernando falou sobre o estado atual da água, permanecendo no mesmo lugar, “quietinha”, ressaltando o fato de que “pegando o mesmo lençol freático e aprofundando-a poderia produzir mais”, mas hoje, a água iodetada produz em média 30 mil litros por dia.

4.2 A Água “Pharol” ou Farol Por Sebastião Homem da Costa

A entrevista elaborada sobre a Água Farol foi realizada com o neto do capitão José Homem da Costa, o senhor Sebastião José Homem da Costa, na sua residência, no bairro Dezessete, na cidade de Santo Antônio de Pádua-RJ.

Quem nos conduziu até lá foi seu filho, Marco Tobias Homem da Costa, que nos relatou, que seu pai trabalhou durante muitos anos na água Farol e que deveria ter algumas lembranças daquela época, mas que sua memória poderia falhar devido a três acidentes vasculares cerebrais (AVC’s). Seu pai sofreu esses acidentes nos últimos tempos, e está com mais de 90 anos de idade. (Relato Oral ³)

² *Ibid.*

³ Entrevista com Sebastião da Costa, no dia 06-mar-2019.

Eu me lembro da época que eu engarrafei, da época do pessoal trabalhando ali, é o que lembro, época que vendia muita água, eram os caminhões que “tavam” aí, é o que eu me lembro da água aí, eu trabalhei muitos anos, engarrafando [...] A água era quanto fazia o quanto vendia [...]

A fazenda chamada Farol foi arrematada pelo avô do senhor Sebastião Homem da Costa. De acordo com o senhor “Tãozinho”, foi seu avô quem descobriu a água e mandou examiná-la na época, no que se constatou a existência de gás natural em sua composição. A partir desse momento, começou a ser explorada e engarrafada, mas com o passar dos anos, a saúde pública exigiu um maquinário muito caro que os herdeiros não possuíam condições de comprar e a água também não tinha vazão suficiente.

4.3 A Água Pagé Por Fernando Perlingeiro Lavaquial

Na entrevista com Fernando Lavaquial, proprietário da Água Iodetada, o mesmo descreveu sobre a descoberta da água Pagé, em de Santo Antônio de Pádua-/RJ, pelo senhor Aníbal Perlingeiro. Essa água continha lítio, e o metal, de acordo com o que diziam, segundo o entrevistado, é muito bom para o rejuvenescimento das células humanas. (Relato Oral ⁴)

Ela hoje fica próxima ali aquele mercado na beira linha, mercado “Domingão”. Se você olhar o mercado “Domingão” do lado esquerdo tem uma rua, no fim da rua à esquerda, aquilo tudo ali era a cerâmica de Pádua, onde fabricava manilha, telha, tijolo, tijolos, e essa cerâmica era do Francisco Perlingeiro, e o Francisco Perlingeiro transferiu para o filho mais velho que era o Aníbal, e o Aníbal descobriu essa fonte de água lá e começou a fazer tratamento com a mulher do Francisco Perlingeiro, mãe do Aníbal Perlingeiro, a minha avó tava lá numa fase da idade dela “capenga” como que fala na gíria, velhinha e com problema, e o que que ele fez? Ele começou a fazer um tratamento por responsabilidade dele, ela né mãe do filho, filho falou né mãe vamo fazer...e o que que ele fazia? Ele injetava um pouquinho da água Pagé, uma injeção subcutânea acho que intramuscular, dona “Dirina” viveu mais 15 anos, saudável e com a cabeça boa, não tinha uma raiva, não tinha nada, enfim acho que vale o tratamento que ele fez.

Por fim, ele falou sobre a história da água Pagé. Fernando acredita que essa água ainda exista no quintal da última casa, do lado direito do mercado “Domingão”, atrás de uma igreja.

4.4 A Água Solú Por Ruth, Nora do Filho do Seu “Lú”

Na casinha dos fundos, dona Ruth descreveu suas lembranças sobre a história da água Solú, dizendo que o nome “Solú”, se deve ao fato do pai do seu marido ter sido conhecido por “seu Lú”, originando assim o nome da água. (Relato Oral ⁵)

4 Entrevista com Fernando Perlingeiro Lavaquial, no dia 31-jan-2019.

5 Entrevista com Ruth da Silva, no dia 10-mar-2019.

Aí passava gente com o boi, deixava o boi beber água nos buraquinhos, fazia buraquinho de água mineral, aí teve um homem, esse homem é vivo ainda, mora lá em Ibitiguaçu, disse vão “povar” dessa água que essa água tem gás, foi “povar” aí tinha gás, aí começaram a cuidar mais um pouquinho (Relato Oral).

Ao ser indagada sobre a descoberta e a história da água Solú, D. Ruth, como é mais conhecida, contou que onde se localiza o Parque da Água Solú era o sítio do pai do seu marido, conhecido como seu “Tochi”, afirmando a história que todos conhecem naquela pequena comunidade. (Relato Oral ⁶)

O boi que bebia ela, um rapaz que passava com um boi aqui, tocando, tocando, tocando os bois, diz que ele mora para baixo, aí ele tocava os bois e ...de um lugar para o outro. Ai ele deixava os bois dormir ali, ai os bois ia bebendo a água...ai ele falou assim: O boi bebe tanto dessa água, resolveu beber, ai falou assim tem gás, ele que sentiu o gás, ai ele falou com todo mundo assim de que tinha... ai foram furar buraco, ai furaram buraco, ai fazia o buraco assim ó...e...ai ele não deixava o boi beber nem nada, já “panharam”, todo mundo foi “panhar” ai fizeram uma festa ai uma vez, muitos anos, tem até a data, muita gente guardou a data de quando teve a festa de “nauguração” da festa da água do seu Lú, que apontou a água, mas teve tanta coisa, teve uma festa, muita gente, ai uns pessoal compraram ela... o sítio, foi vendido já pra outro.

Ao terminar a entrevista, D. Ruth ressaltou o saudosismo de beber a água que continha gás natural e forte. (Relato Oral ⁷)

Tinha, e tinha gás mesmo, só se vendo, tinha gás mesmo, mas era lá dentro da cacimba mesmo, só se vendo, ali está seca agora. (Relato Oral)

5 | CONCLUSÃO

Com o desenvolvimento do presente artigo, tendo por base a metodologia da história oral. buscou-se registrar através das entrevistas, realizadas com alguns moradores paduanos, as suas memórias sociais sobre as águas que já foram consideradas medicinais da cidade de Santo Antônio de Pádua-RJ.

Da análise dos periódicos da época, nota-se que no auge das suas descobertas, algumas dessas águas possuíam e possuem características únicas na América Latina e no país, como a água lodetada (iodo), que permanece intacta até hoje, dentro de um casebre datado de 1930 e a Água Pagé (lítio), que não resistiu às exigências financeiras para investir na exploração e nem à força do tempo e à especulação imobiliária, que a enterrou embaixo de um loteamento residencial. Sobre a água Farol (magnesiana) essa foi a mais comercializada em toda a região, pelos seus proprietários e herdeiros, inclusive com a ajuda de terceiros para seu engarrafamento sem qualquer contrapartida, apenas pelo fato de poder tomar a água e aprender o

6 *Ibid.*

7 *Ibid.*

processo de fabricação. As ruínas do seu prédio permanecem lá até hoje, junto com a nascente da água, que brota através de uma pedra. Em relação a Água Solú, das três fontes que possuía, apenas uma continua jorrando na sede do Parque, localizada no distrito de Ibitiguaçu, aquela que possui o gosto mais fraco ou quase nada de gás.

A partir das informações encontradas nos periódicos e corroboradas pelas entrevistas realizadas, observa-se que, quanto mais o pesquisador entra em contato com o contexto histórico preciso, onde viveram seus depoentes (moradores/ proprietários paduanos), cotejando e cruzando informações e suas lembranças, mais se vai configurando a seus olhos a imagem do campo de significações, pré-formada nos depoimentos.

Nessa perspectiva de legislação omissa e com os depoimentos colhidos nesse artigo especificamente, no que tange à atual situação das águas medicinais de Pádua, sabendo-se que não são protegidas pelo IPHAN e nem pelo INEPAC, é bem provável, que daqui a alguns anos esse patrimônio natural não exista mais em seu plano “matéria”, principalmente, pela especulação imobiliária que a cidade vem sofrendo ao longo de seu desenvolvimento.

Conclui-se dessa forma, através do método da história oral, registrando a memória social dos moradores de Pádua sobre suas águas medicinais, que é de suma importância para que se mantenha viva a história real e concreta de todos os fatores que levaram ao ímpeto e à decadência dessas águas e a intenção do presente artigo é contribuir de forma efetiva para uma futura intenção de preservação desse patrimônio imaterial, que são as memórias dos moradores de Santo Antônio de Pádua e suas águas medicinais.

REFERÊNCIAS

Água Pharol. O Campo, jun-1932, p. 30. Biblioteca Nacional Digital. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReaderMobile.aspx?bib=083291&PagFis=3540&Pesq>>. Acesso em: 27-maio-2019.

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 3ª ed., 2005.

BUSTAMANTE, Heitor de. **Sertões dos Puris**. 2ª ed. Santo Antônio de Pádua: APLAC – Academia Paduana de Letras, 2014.

GREENBLATT, Stephen. Resonance and wonder. In: KARP, Ivan; LAVINE, Steven L. (Ed.). **Exhibiting cultures: the poetics and politics of museums display**. Washington: Smithsonian Institution Press, 1991. p. 42-56.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Cidades, 2010. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/santo-antonio-de-padua/panorama>>. Acesso em: 27-maio-2019.

Jornal dos Sports. Rio de Janeiro, Ano I, Ed. 085, 21-jun-1931. BIBLIOTECA NACIONAL DIGITAL.

Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=112518_01&pesq=agua%20iodetada. Acesso em 18 de janeiro de 2019.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. 2ª ed. São Paulo: Centauro, 2013.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac&Naify, 2003.

PICCININI, Rita Amélia Serrão. **A Casa da Águia: Crônicas Paduanas**. Santo Antônio de Pádua-RJ: R. A. Serrão Piccinini, 2005.

Notícias dos Municípios. **O Fluminense**. Niterói-RJ, 15-set-1937. Biblioteca Nacional Digital. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=100439_07&pesq=agua%20pharol>. Acesso em: 21-jan-2019.

PICCININI, Rita Amélia Serrão. **A Casa da Águia: Crônicas Paduanas**. Santo Antônio de Pádua-RJ: R. A. Serrão Piccinini, 2005.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n.10, 1992. p. 200 -212.

RIBEIRO, Oswaldo. **História de Santo Antônio de Pádua**. Santo Antônio de Pádua-RJ, 1999.

SANTO ANTÔNIO DE PÁDUA-RJ. Centro de Informações de **Dados do Projeto Muda Pádua**. Informe nº II, 1990, p.93.

SOBRE OS ORGANIZADORES

Antonio Gasparetto Júnior - Pós-doutorando em História pela Universidade de São Paulo (USP), Doutor (2018), Mestre (2013), Bacharel e Licenciado (2010) em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), com estágio de doutoramento (*Chercheur Invité*) na École Doctorale d'Histoire Moderne et Contemporaine da Université Paris IV - Sorbonne (2015-2016), e Bacharel em Administração Pública pela UFJF. Professor Formador I na Universidade Federal Fluminense (UFF), Professor Substituto no Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais (IF Sudeste MG) e Professor efetivo de Educação Básica (PEB) no estado de Minas Gerais. Pesquisador integrado ao Laboratório de História Política e Social (LAHPS) e do Laboratório de Estudos e Pesquisas da Contemporaneidade (LEPCON). Membro da Associação Nacional de História (ANPUH), da Association des Jeunes Chercheurs en Histoire (AJCH), da Association Française des Jeunes Historiens du Droit (AFJHD) e do Conselho Nacional de Altos Estudos em Educação (CAEduca). Secretário da rede internacional de pesquisas "Direitas, História e Memória". Conquistou o segundo lugar no *Premio de Investigación Doctoral en Historia del Derecho en América Latina* (Valência/ESP, 2019). Autor de *Atmosfera de Plomo* (Tirant lo Blanch, 2019), *História Constitucional Brasileira: usos e abusos das normas* (Multifoco, 2017) e *Direitos Sociais em Perspectiva* (Fino Traço, 2014). Desenvolve pesquisas na área de História do Brasil Republicano, com ênfase nos seguintes temas: História do Direito, Democracia e Cultura Política, Estado de Exceção, Autoritarismo, Direitos e Administração Pública. E-mail: antonio.gasparetto@gmail.com - <https://orcid.org/0000-0001-7844-0055>.

Ana Paula Dutra Bôscaro - Doutoranda em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Mestra (2016), Bacharela e Licenciada (2013) em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Professora Formadora e Coordenadora Pedagógica do Centro Cultural Brasil Angola (CCBA), Luanda, Angola, Embaixada do Brasil em Luanda. Pesquisadora integrada ao Laboratório de História Econômica e Social (LAHES) e ao GT Emancipação e Pós-Abolição. Membro da Associação Nacional de História, seção Minas Gerais - ANPUH / MG, Associação Brasileira de Pesquisadores em História Econômica (ABPHE) e da Sociedade de Estudos do Oitocentos (SEO). Autora do livro "Uma serra de almas negras: escravidão e pequena propriedade" (2018). Desenvolve pesquisas nas áreas de História do Brasil Colônia e Império, com ênfase nos seguintes temas: História da Escravidão, Tráfico de escravos, História Social, História Demográfica, História Econômica e Trajetórias. E-mail: anapaulaboscaro@gmail.com, <http://lattes.cnpq.br/7539462489773251>
<https://orcid.org/0000-0002-7378-6142>

ÍNDICE REMISSIVO

A

Administração 1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 31, 33, 41, 43, 71, 73, 75, 76, 84, 93, 99, 102, 103, 108, 117, 121, 122, 140, 142, 144, 156, 166, 167, 173, 227, 240, 245, 300, 325
Águas medicinais 308, 309, 310, 311, 323
Amazônia 4, 44, 73, 78, 80, 81, 82, 100, 101, 242, 245, 249, 267, 269, 270, 272, 275, 280
Armada brasileira 127
Arthur bernardes 174, 175, 176, 177, 179, 180, 182, 183, 184
Assistência materno-infantil 161

B

Biografia 185, 189, 190, 191, 192, 193, 267, 279

C

Ciência agrônômica 99
Cinema 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 264, 265, 266, 281, 282, 283, 284, 285, 286, 287, 288, 289, 290, 291, 292, 293, 294
Companhia das índias ocidentais 14, 15, 25
Companhia geral do grão-Pará e Maranhão 31, 32, 44, 45
Conflitos 5, 6, 7, 10, 18, 24, 46, 51, 53, 54, 82, 156, 157, 159, 213, 235, 242, 250, 268, 270, 289, 295, 296, 298, 304
Conselho geral de província 60, 62, 63, 69
Crítica 52, 53, 110, 112, 193, 203, 216, 250, 252, 254, 255, 256, 257, 258, 263, 264, 265, 266, 277, 289
Cronistas brasileiros 195, 204
Cultura marítima 127

D

Debates ferroviários 114, 118
Direitos humanos 58, 176, 267, 268, 269, 270, 271, 273, 274, 275, 278, 279, 280, 292
Ditadura civil-militar 221, 224, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 234, 235, 236, 240, 242, 247, 248, 285, 296, 301
Drogas do sertão 31, 32, 41, 44, 76, 81

E

Elites políticas 71, 185
Empresários 123, 125, 186, 238, 242, 243, 246, 249, 250, 288
Engenharia e Política 114
Escravidão indígena 1, 8
Estado de sítio 174, 175, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184
Estudos de gênero 59, 281

F

Feminismo 59, 267, 270, 271, 272, 279

Força pública 148, 149, 151, 152, 153, 154, 155, 159, 160

G

Grupos de esquerda 210, 217

Guerra do paraguai 84, 88, 89, 91, 96, 97, 98, 129, 137

H

História oral 185, 188, 189, 191, 193, 278, 279, 280, 297, 307, 308, 309, 322, 323

I

Império do brasil 70, 77, 84, 85, 86, 96, 108

Imprensa 12, 29, 45, 48, 54, 58, 84, 87, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 97, 98, 138, 142, 143, 144, 146, 147, 148, 150, 173, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 189, 209, 245, 249, 251, 254, 260, 268, 294

J

Jornal correio 138, 141, 142, 143, 144, 145, 146

Juventude operária 210, 211, 212, 213, 214, 215, 221, 222, 223

L

Literatura 14, 15, 46, 48, 49, 50, 56, 57, 87, 150, 151, 175, 195, 205, 252, 253, 255, 259, 264, 265, 289

Literatura de viagens 46

M

Maçonaria 224, 225, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237

Marinha brasileira 127, 130, 133

Memória social 308, 309, 323

Militarização 148, 149, 150, 151, 152, 154, 155, 156, 158

Movimento social 295, 296, 297, 300

Mulheres viajantes 46, 47, 48, 50, 56, 57, 59

Música 25, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 134, 135, 136, 137, 220

N

Narrativas 35, 46, 47, 50, 52, 53, 57, 59, 138, 141, 142, 191, 241, 261, 278, 281, 309

P

Paulo Emílio Salles Gomes 252, 253, 259

Pirataria 14, 15, 16, 17, 18, 25, 29, 227

Política 33, 45, 60, 61, 63, 65, 66, 68, 69, 70, 71, 72, 80, 82, 84, 86, 87, 88, 89, 98, 106, 111, 112, 114, 115, 121, 122, 124, 125, 126, 138, 141, 142, 143, 149, 151, 153, 154, 159, 160, 161, 164, 166, 174, 176, 177, 178, 180, 181, 183, 185, 186, 187, 188, 189, 192, 193, 194, 196, 197, 198, 199, 201, 202,

204, 210, 211, 215, 217, 218, 223, 224, 226, 227, 228, 231, 234, 235, 236, 239, 242, 245, 246, 248,
249, 250, 259, 267, 268, 270, 271, 272, 273, 275, 277, 278, 281, 286, 287, 288, 290, 294, 297, 325
Posse de terras 298, 299, 300, 304, 306
Primeira república 126, 127, 148, 149, 150, 153, 154, 158, 159, 161, 162, 165, 171, 172, 174,
175, 176, 178, 180, 182, 183, 193, 197
Província do Amazonas 71, 72, 73, 74, 75, 77, 78, 79, 80, 81, 82

S

Saúde pública 161, 162, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 171, 321
Sexicomedias 281, 282
Sociedade agrícola 99, 100, 101, 103, 104, 111

 **Atena**
Editora

2 0 2 0